

Andava longe, perdida na doçura dos seus sonhos, como uma floresta a gemer o gemido vago da primavera toda rebentos. Era um mundo novo em que sentia o *homem* — o homem sem nome, que, lépido, avançava na beleza do mistério fálico. Em si mesma, em todas as suas veias, ela o sentia — sentia o homem e o seu filho. O homem e a criança por ele plantada fluíam em todas as suas vísceras como uma aurora.

Constance estava como a floresta que silenciosamente murmurava através de milhares de botões fechados. As aves do desejo dormiam no intrincado mistério de seu corpo.

Mas a voz de Clifford continuava a ressoar na língua estranha. Extraordinário aquilo! Extraordinário aquele homem sobre um livro, estranho, rapace, civilizado, ombros amplos e morto das pernas! Estranho, aquele homem com a aguda e inflexível vontade de certos pássaros e sem calor nenhum! Um ser do futuro, sem alma, todo vontade — vontade fria. Constance teve um leve arrepio de medo. A suave e quente chama da vida era mais forte que ele e as coisas reais escapavam-lhe ao alcance.

A leitura de Racine parou. Constance, num sobressalto, ergueu os olhos e sobressaltou-se ainda mais vendo o olhar sinistro e cheio de ódio do esposo.

— Obrigada! exclamou. Você lê tão bem Racine, Clifford.

— Quase tão bem como você o ouve, disse ele em tom cruel. Que está fazendo?

— Um vestidinho para a filha de Mrs. Flint.

Clifford desviou a cabeça. Uma criança! Uma criança! Ela só pensava nisso.

— Afinal de contas, disse depois em tom declamatório, encontramos em Racine tudo o que queremos. Emoções ordenadas e estilizadas valem mais do que emoções em desordem.

Constance olhava-o com os seus grandes olhos vagos e velados.

— Sim, decerto, concordou.

— O mundo moderno vulgarizou a emoção soltando-lhe os freios. De que necessitamos é do domínio clássico.

— Sim, murmurou ela devagar, pensando na inexpressão do seu rosto quando escutava as idiotices sentimentais do rádio. As criaturas pretendem ter emoções, mas na realidade nada sentem. Suponho que isto é ser romântico.

— Exatamente, concordou ele.

Clifford estava cansado. Aquela noite o cansara. Antes a tivesse passado com seus livros técnicos ou o diretor das minas, ou a ouvir o rádio.

Mrs. Bolton entrou com dois copos de leite maltado; o de Clifford, para que ele dormisse; e o de Constance, para que engordasse um pouco mais.

Uma novidade alimentar por ela introduzida em Wragby.

Constance sentiu alívio em recolher-se depois de tomado o leite — e de não ter de deitar Clifford.

— Boa noite, Clifford! Durma bem! Que os versos de Racine se façam sonhos. Boa noite.

E saiu sem lhe dar o beijo do costume. Ele a acompanhou com os olhos frios e agudos. Bem, bem. Nem mais o beijo da praxe depois duma noite passada em leitura comum! Quanta insensibilidade! Ainda que tal beijo não passe de formalidade, é sobre tais formalidades que a vida repousa. Sim, ela era no fundo uma bolchevista.

Bolchevistas todos os seus instintos. E Clifford teve um olhar de cólera para o corredor por onde ela se fora. Cólera!

De novo o invadiu o medo da noite. Não era mais que um feixe de nervos. Quando não estava entregue ao trabalho ou à neutralidade do rádio, uma agonia o torturava — o sentimento dum perigoso e ameaçador vazio. Clifford tinha medo. Constance poderia protegê-lo, mas já não cuidava disso. Estava dura, fria, insensível a tudo quanto por ela tinha feito. Ele lhe dava a sua vida — e ela sempre dura. Só pensava em si mesma.

Agora, era a idéia dum filho que a obsedava — um filho dela só, não de ambos!

Clifford, entretanto, parecia um homem são. Belo rosto, faces rosadas, ombros largos, peito amplo. Estava engordando. Apesar disso o medo da morte o apavorava. Um terrível vazio o ameaçava em qualquer parte, um abismo grande demais para as suas forças.